

# EXUBERÂNCIA DE TODOS OS ÂNGULOS

De fonte da vida a elemento-chave de ensaios fotográficos, a água conquista espaço como protagonista de obras pensadas para ressaltar sua beleza e alertar sobre os riscos da degradação ambiental

TEXTO Lucie Ferreira

O que as peças de *fine art* produzidas pelo fotógrafo e mergulhador austríaco Andreas Franke têm em comum com as esculturas submersas criadas pelo escultor e naturalista inglês Jason deCaires Taylor, ou com o trabalho que une esporte e vida marinha da fotógrafa havaiana Sarah Lee? Embora com objetivos, linguagens e resultados visuais diversos, os exemplos mencionados têm como protagonista um mesmo elemento: a água.

Nas próximas páginas, prepare-se para mergulhar no trabalho desses e de outros talentosos profissionais que levam a paixão e o respeito pela água tão a sério que resolveram transformar sua admiração em arte, com a missão de sensibilizar as pessoas para a causa da preservação e exaltar a beleza e a fragilidade desse recurso fundamental à vida na Terra. Segure a respiração e bom mergulho!

Retrato subaquático feito pela fotógrafa havaiana Sarah Lee, que se inspira em contos de fadas usando como cenário o ecossistema marinho



## ELEMENTOS DE FINE ART

Com mais de 20 anos de carreira, o fotógrafo austríaco Andreas Franke é um dos profissionais mais conceituados no mundo da fotografia aquática. É reconhecido também pelo trabalho de *fine art*, ou seja, a produção de imagens que expressam sua visão criativa. A vontade de ser fotógrafo surgiu ainda na infância. “Quando eu tinha 12 anos, meu padrinho me deu uma câmera Polaroid de presente, foi aí que tudo começou”, lembra.

Ele conta que sempre teve uma conexão profunda com a água. “Ela é a fonte da vida”, ressalta Franke, confessando ter uma ligação ainda mais especial com o mar. Aos 25 anos, ele tirou a licença para mergulho e logo comprou uma câmera subaquática. Foi o ponto de partida para o reconhecimento que tem hoje como especialista em imagens em que a água é, ao mesmo tempo, cenário e protagonista.

Sobre as dificuldades e particularidades de seu ofício, Franke destaca a questão da visibilidade, lembrando que fotografar sob a água é muito diferente de trabalhar na superfície. “Além disso, o tempo que temos para produzir é mais limitado e, às vezes, as próprias condições marítimas, como correntes, temperatura e luz natural, dificultam ou impossibilitam o trabalho.”

Entre seus ensaios, destacam-se os retratos submersos feitos em parceria com o fotógrafo austríaco Robert Staudinger e a série “The Sinking World” (O Mundo Afundando), que teve direito a uma exposição a 43 metros de profundidade em um navio naufragado próximo à costa de Key West, na Flórida (EUA).

À esquerda, imagens da série “The Sinking World”, de Andreas Franke, que foram expostas em um navio naufragado na Flórida, a 43 metros de profundidade. Acima e na página à direita, registros inspiradores da norte-americana Sarah Lee, que comprou sua primeira câmera subaquática aos 15 anos

FOTOS ANDREAS FRANKE | SARAH LEE



## ESPORTE E NATUREZA

A fotógrafa Sarah Lee teve o privilégio de nascer em um dos lugares mais paradisíacos do planeta: o Havaí (EUA). Inicialmente, ela participava de competições esportivas, como natação, polo aquático e surfe. Aos 15 anos, comprou sua primeira câmera e se especializou em registrar imagens marinhas. Sarah diz que a opção pela carreira foi quase natural. “Tinha verdadeiro fascínio por registrar aquilo que eu já observava havia muito tempo na minha vivência com a água.” Para ela, a imprevisibilidade de fotografar em pleno mar é o que torna seu trabalho recompensador, desafiador e até mesmo divertido. “É um lugar onde preciso estar completamente atenta e disposta a me adaptar para qualquer coisa que chegue até mim”, observa.

O desafio criativo de se movimentar na água, mergulhando em qualquer direção resulta em composições incríveis, tanto da vida marinha quanto registros de surfistas e outros atletas aquáticos que, assim como ela, são apaixonados pelos encantos dos oceanos.

Em suas viagens profissionais, Sarah teve a oportunidade de fotografar lugares incríveis, como Tavarua, nas ilhas Fiji — o seu favorito até o momento. Em um futuro não muito distante, ela pretende levar sua câmera a Tonga, na Oceania, e registrar os cenotes (formações semelhantes a grutas d’água) mexicanos.

## MUSEUS SUBMERSOS

Mergulhador, fotógrafo e escultor. Essas são algumas das habilidades do naturalista inglês Jason deCaires Taylor, que se tornou conhecido pelas obras de arte que projeta para serem instaladas no fundo do mar. Isso mesmo: quem quer ver de perto suas esculturas precisa ir bem fundo, uma vez que as peças estão imersas em biomas marinhos.

O primeiro parque subaquático de esculturas assinado por Taylor foi inaugurado em 2006, em Granada, no Caribe. O projeto ganhou continuidade em 2009, com a abertura do Museu Subaquático de Arte, em Cancún, no México, que apresenta uma coleção de mais de 500 esculturas.

O valor das magníficas obras de Taylor vai muito além do apelo

estético. As esculturas são produzidas para serem assimiladas pelo oceano, que transforma os objetos inertes em recifes de coral repletos de vida. Com isso, o naturalista ajuda a recompor os biomas dos oceanos que recebem suas obras e espalha pelo mundo a mensagem das causas ambientais que defende.

Recentemente, Taylor viu seu mais novo museu de esculturas submersas ser aberto ao público. Dessa vez, na costa de Lanzarote, uma das sete ilhas que formam o arquipélago das Canárias, território espanhol próximo ao Marrocos, na África. O Museu Atlântico ocupa uma área de 2.500 metros quadrados e, até o fim de 2017, contará com cerca de 400 esculturas, posicionadas a uma profundidade de 12 a 15 metros. A previsão é de que as peças durem aproximadamente 300 anos até serem totalmente incorporadas pelo mar.



Nestas páginas, obras do escultor e naturalista Jason deCaires Taylor, posicionadas no fundo do oceano para ajudar a recuperar corais, e embaixo, à direita, trabalho do fotógrafo paulistano Cristiano Burmester, especialista em imagens subaquáticas



## BELEZAS AQUÁTICAS

Nascido em São Paulo, o fotógrafo Cristiano Burmester cultiva o interesse pela fotografia desde os 13 anos, quando ganhou de presente uma pequena câmera subaquática que passou a levar em suas sessões de mergulho. Desde então, não perde uma oportunidade de fotografar a vida marinha e fazer ensaios debaixo d'água.

Para ele, os cliques subaquáticos revelam um ambiente desconhecido para a maioria das pessoas e demonstram o fascínio estético que os ecossistemas aquáticos exercem sobre elas. "A água traz algumas questões para a percepção da imagem e do contexto apresentado, como profundidade, leveza, descoberta e beleza", diz.

Segundo Burmester, para se aventurar em retratos debaixo d'água, é preciso — além de saber mergulhar — estar familiarizado com o ambiente aquático e dominar técnicas como a iluminação. Para ressaltar as cores das imagens, por exemplo, ele conta que é necessário iluminar o cenário com um *flash* ou uma luz contínua.

Com registros impressionantes de paisagens exuberantes do oceano Pacífico, especialmente de ilhas na Indonésia e na Malásia, o fotógrafo sonha agora fotografar a Antártida, cujas características o encantam, desde a passagem da luz pela água até o contraste da iluminação com o gelo, passando pela vida marinha rica e colorida das encostas. **d**

